

Resumo - Que Horas Ela Volta

Que Horas Ela Volta? é um drama brasileiro do ano de 2015, dirigido por Anna Muylaert, também colaboradora na produção, que tem como intuito sensibilizar o público acerca de diversos temas enraizados na sociedade brasileira, sendo a desigualdade social e a estrutura familiar os principais pontos usados para os escancarar.

A personagem principal da trama, Valdirene Ferreira, referida como Val por todas as demais personagens, é uma mulher de meia idade que deixou sua filha ainda bebê, em seu estado natal, Pernambuco, ao se mudar para São Paulo em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Assim, a história se inicia na cidade de São Paulo, mais de uma década após a partida da protagonista de sua terra de origem. Val atua como empregada doméstica na casa de uma rica família do Morumbi, junto de outros funcionários. No entanto, um ponto importante da história se mostra no fato de que ela é a única que mora na casa com a família. Tal informação se mostra relevante para o desenvolvimento da trama no que diz respeito, principalmente, às críticas à estrutura da típica “família de comercial de margarina”.

Essa família é formada pelos pais, Bárbara e Zé Carlos, e seu filho, Fabinho, além da Val. Desde o início, o longa faz uso de símbolos e diálogos que tornam clara a constante, ainda que muitas vezes velada, necessidade das personagens de manter a estrutura de classes estabelecida. Fato esse observado não só por parte dos patrões, por meio do reforço das suas relações de poder, como também por parte da própria Val, que repetidamente se coloca numa posição de subordinação, sustentada principalmente pela construção do afeto pelos patrões e da imposição de uma hierarquia social ao seu modo de pensar.

Ainda que a construção da essência e da identidade das personagens seja feito no decorrer de todo o filme, elas são explicitadas com a chegada de Jéssica, filha da Val — momento em que se estabelece uma tensão no longa, que cresce continuamente no enredo. Aproximadamente dez anos após a partida da mãe, que, por sua vez, continuava a sustentando à distância, ela resolveu se mudar para São Paulo, para fins de fazer vestibular e iniciar sua vida profissional. Para isso, a filha entra em contato com a mãe que, empolgada, logo a recebe na cidade grande, na casa da mesma família para a qual a protagonista trabalha.

Após a chegada de Jéssica, são colocados em xeque diversos aspectos normalizados da vida dos demais personagens. Em primeiro plano, sua percepção de Val como uma mulher forte por, apesar de não ter sido uma figura presente em sua criação, ter provido a renda, deixa de existir em razão das citadas relações entre ela e seus patrões, as quais são constantemente questionadas, o que, em segundo plano, incomoda sobretudo à Bárbara. Vale citar, porém, a organização patriarcal dessa família, já que Zé Carlos, por ser detentor dos bens da família — recebidos por herança — é quem “realmente manda”. Em função disso, a presença de Jéssica é tolerada, pois Carlos nutre desejos românticos e sexuais pela personagem após se interessar por sua inteligência e jovialidade, o que gera cenas de forte desconforto por parte dela, transmitida aos espectadores.

Nesse contexto, conforme a posição de inferioridade de Val e Jéssica passa a ser progressivamente contestada por ambas — com resistência de Val, tão habituada àquelas relações —, a tentativa de Bárbara por reforçar a hierarquia vigente se intensifica. Após a primeira fase do vestibular e a aprovação da filha de Val, o que não acontece com Fabinho, esse embate final no filme é reiterado, com o filho de Bárbara sendo enviado para um intercâmbio pago. Val, a partir do sucesso da filha e da perspectiva de mudança simbolizada por isso, compreende o comportamento de Jéssica e abandona o próprio emprego na esperança de sair da condição a qual foi submetida ao longo da última década.

O fechamento do filme, apesar de se dar na forma de um “final feliz”, representando todas as conquistas sociais recentes, como os avanços na regulamentação do trabalho doméstico e a Lei de Cotas, não deixa de reforçar a ideia das desigualdades sociais, afinal, as personagens, ainda que felizes com a perspectiva de melhora de vida e ascensão, reconhecem o esforço e trabalho exigido para tanto.

Bibliografia recomendada:

FERNANDES, J. **Eu Empregada Doméstica | Preta Rara | TEDxSaoPaulo**. *YouTube*, TEDx Talks, 2017.

Disponível em: https://youtu.be/d_n-z3s8Lo.

SILVA FERRAZ, D. L. et al. **Ideologia, subjetividade e afetividade nas relações de trabalho: análise do filme “Que Horas Ela Volta?”**. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 2017.

LANA, L. **“Da porta da cozinha pra lá”: gênero e mudança social no filme Que horas ela volta?**. *Rumores* 10, nº. 19, 2016: 121-137.